



O ENIGMA DE KASPER HAUSER: REPRESENTAÇÕES DE CONTROLE SOCIAL¹

THE ENIGMA OF KASPER HAUSER: REPRESENTATIONS OF SOCIAL CONTROL

Franciele Maria Martiny²

Elisângela Redel³

RESUMO: Este artigo objetiva efetuar uma análise inicial de algumas sequências de cenas do filme alemão *O Enigma de Kasper Hauser*, título original que recebe o nome de *Jeder für sich und Gott gegen alle*, de Werner Herzog, lançado no ano de 1974. As imagens escolhidas serão interpretadas com base na perspectiva interacionista de linguagem, a qual proporciona um olhar sobre a influência do social na conduta do ser humano. Para tanto, o trabalho será embasado pelas discussões teóricas de Bakhtin (1992) e Bronckart (1999). Defende-se que cada elemento presente nas sequências das cenas evidencia Kasper, protagonista da trama, como um exemplo de que as pessoas estão condicionadas a uma estrutura social externa de atividade que lhes limitam atitudes, ações e formas de se dizer o que se pode dizer e agir da forma que se espera que se aja.

PALAVRAS-CHAVE: *O Enigma de Kasper Hauser*; sociedade; controle social.

ABSTRACT: The goal of this article is to put forward an initial analysis of some scenes of the Werner Herzog's motion picture, *The Enigma of Kaspar Hauser*, whose original German title is *Jederfürsich und Gottgegenalle*, from 1974. The chosen images will be interpreted based on the interactionist perspective on language, which provides a perspective about the social influence on human behavior. To that end, the work will be based on the theoretical discussion of Bakhtin (1992) and Bronckart (1999). We contend that each element present in the sequence of scenes shows Kaspar, the main character of the plot, as an example of the fact that people are conditioned to an external social structure that frames their behavior and limit their attitudes, actions, and ways to tell what can be told and do what is expected to be done.

KEYWORDS: *The Enigma of Kasper Hauser*, society; social control

INTRODUÇÃO

O filme foco deste estudo, *Jeder für sich und Gott gegen alle* - Cada um por si e Deus contra todos, traduzido para o Português como *O enigma de Kasper Hauser*, é baseado em fatos reais e

¹ Este artigo é parte do trabalho apresentado à disciplina Filosofia da Linguagem, ministrada pelo Professor Doutor João Carlos Cattelan.

² E-mail: franciele@colegioruibarbossa.com.br

³ E-mail: lizaredel@gmail.com



retrata a história do alemão Kasper Hauser, que, no ano de 1828, foi descoberto numa praça da cidade de Nuremberg, Alemanha.

A história baseia-se, principalmente, no encontro do protagonista com a sociedade, após anos de reclusão solitária em uma caverna desconhecida. Apenas uma pessoa o visitava, regularmente, para trazer-lhe alimentos e sanar algumas de suas necessidades elementares. Muitas vezes, Kasper nem distinguia sonho do que era realidade devido ao seu aprisionamento ao longo de vários anos.

A situação muda quando o protagonista é deixado em uma praça por seu “cuidador”. É partir desse momento que Kasper tem seu primeiro contato com o meio social, privado dele por tanto tempo. Mesmo após seu processo de socialização, o personagem, em certo momento, considera melhor ter ficado preso, mesmo isoladamente, a conviver com os *lobos humanos*. Afirmção que enfatiza quão coercivo é o convívio social, que priva o ser humano de várias atividades, mesmo as mais naturais, impondo atitudes e posturas “socialmente corretas”.

O enigma de Kasper, enunciado que dá nome ao filme, não é desvendado nem mesmo ao final da trama, assim como na vida real não se sabe quem o assassinou e o porquê. Assim, o que restam são várias interpretações e valiosos estudos sobre os diversos questionamentos que se tem sobre a vida em sociedade. Afinal, quem é realmente livre e quem está preso? Existe a liberdade ou a coerção social é tamanha que cega?

É com base nestas reflexões que este artigo será desenvolvido na sequência, objetivando revelar situações em que se verifica a prisão social de Kasper, mesmo estando “livre”, com analogias entre imagens, que denunciam tal situação.

Para tanto, três cenas serão selecionadas, as quais, de forma alegórica, representam a prisão social do ser humano em comparação ao cárcere de alguns animais e da crucificação de Jesus Cristo. O objetivo central é analisar como acontece essa relação entre as imagens em que aparece Kasper e os outros elementos que sugerem tais interpretações.

O embasamento teórico terá como base os estudos de Bakhtin (1992) e Bronckart (1999), os quais se centralizam na visão sociointeracionista da linguagem.

1- O PAPEL DO SOCIAL NO INDIVIDUAL



A espécie humana é caracterizada pela extrema diversidade e pela complexidade de suas formas de organização e de suas formas de atividade, sendo que esta evolução está relacionada à emergência de um modo de comunicação particular, a linguagem, o que confere às organizações e atividades humanas uma dimensão particular, que justifica que sejam chamadas de sociais.

Bakhtin (1992) assevera que a atividade mental envolve a relação com o outro, que é a tomada de consciência, e apresenta dois tipos de atividade mental, diferenciados pelo grau de orientação social do indivíduo.

Na primeira, há a *atividade mental do eu*, formada sob uma perspectiva individual, sem contato com o social. Já a segunda atividade mental, a do *nós*, comporta, em contraposição à primeira, a relação social de intertextualidade e seus reflexos na construção da consciência, ou seja, o sujeito se integra à sociedade, é socializado.

Bronckart (1999) fala que o interesse da investigação interacionista é pelas condições sob as quais, na espécie humana, se desenvolveram formas particulares de organização social, cuja investigação trata dos processos filogenéticos e ontogenéticos pelos quais as propriedades sociosemióticas tornam-se objetos de uma apropriação e de uma interiorização pelo organismo humano, transformando-os em pessoas, conscientes de sua identidade e capazes de colaborar com as outras na construção de uma racionalidade do universo que os envolve.

Nesse sentido, o autor assinala que a questão central da psicologia será a das condições evolutivas e históricas de emergência, em particular, do pensamento consciente dos organismos humanos. Assim sendo, considerando os trabalhos da psicologia animal e o fato de que todos os organismos vivos conservam traços internos de suas interações com o meio, o posicionamento monista é reformulado em duas questões principais.

A primeira delas é descrita pelo autor como a das condições sob as quais o comportamento ativo produz, em qualquer organismo, traços internos de algumas propriedades do meio, o que é chamado de primeira precipitação do comportamental, em um funcionamento psíquico elementar.

A segunda questão diz respeito às condições sob as quais, no ser humano, esse funcionamento psíquico elementar libera-se mais nitidamente das restrições genéticas e comportamentais de sua constituição e torna-se um mecanismo ativo e auto-reflexivo,



aparentemente, sob o controle do organismo, que é a sede desse funcionamento psíquico, o que será chamado de segunda precipitação do psíquico dependente que passa a ser psíquico autônomo, ou a transformação do psiquismo elementar em um psiquismo ativo (pensamento) e auto-reflexivo (consciência).

Na medida em que os signos cristalizam as pretensões à validade designativa, se estão disponíveis para cada um dos indivíduos particulares, eles também veiculam representações coletivas do meio, que se estruturam em configurações de conhecimentos que podem ser chamadas, segundo Popper e Habermas (*apud* Bronckart, 1999), de mundos representados.

O teórico faz uma análise sobre os três tipos de mundos constituídos por Habermas (*apud* Bronckart, 1999), mostrando os níveis sucessivos do efeito do social sobre o mundo, sendo estes o mundo objetivo, o mundo social e o mundo subjetivo.

Cada língua tem sua semântica própria e uma língua natural pode assegurar a intercompreensão entre os membros, o que é denominado de comunidade verbal, sendo assim, segundo Saussure, sempre uma instituição social.

Mas, embora realidades sociais globais, Bronckart (1999) salienta que as comunidades verbais não são homogêneas, mas sim constituídas por múltiplas formações sociais, onde cada qual possui modalidades particulares de funcionamento da língua, chamadas por Foucault de formações discursivas. O referido teórico mostrou que estas são mecanismos que geram modalidades particulares de conhecimento de organização dos signos, chegando a formas variadas de discursos e moldando o conhecimento dos membros de uma mesma formação social de uma forma particular.

Tanto no nível da espécie, como no desenvolvimento individual, a formação das funções psicológicas superiores só são possíveis pela interiorização das relações que os indivíduos estabelecem consigo, com os outros e com o meio. O conjunto das relações sociais pré-existentes, então, é a condição histórica concreta na qual as pessoas se formam. Para explicar o desenvolvimento social do psiquismo humano, toma-se o par conceitual ação/atividade. O que irá distinguir a atividade humana será a apropriação das relações presentes no quadro da atividade pelo mundo interno dos sujeitos.

Assim, associa-se à cooperação entre indivíduos engajados em atividades sociais, a apropriação de ferramentas objetivas e semióticas. Ou seja, há a associação entre ferramentas



para agir sobre o meio e ferramentas mediadoras da ação formadas na conversação, na negociação de sentidos no curso do agir em conjunto. Assim, o desenvolvimento psíquico humano deriva da formação de pessoas em quadros sociais específicos e pela mediação da linguagem.

Portanto, a *ação* é o resultado da apropriação pelo organismo humano das propriedades da atividade social mediada pela linguagem. Toda ação, então, é orientada por um quadro de coordenadas construídas por representações sobre o mundo físico, social e psíquico e, ainda, pode ser definida por um ponto de vista externo e interno.

Se a interiorização dos signos é a condição de constituição do pensamento, como sustenta Piaget (apud Bronckart, 1999), é necessário salientar que esse processo de desenvolvimento central, longe de ser “natural”, é ao contrário, duplamente marcado pelo social. Isto porque é sob o efeito das intervenções sociais que ele pode construir signos e, na ausência de tais intervenções, não há construção nem da linguagem, nem do pensamento. Além disso, os signos verbais são, portanto, compreendidos como a-naturais, não sendo senão formas de estabelecer correspondência, temporariamente cristalizadas pelo uso histórico de um grupo humano particular.

No entanto, para compreender como emerge o movimento auto-reflexivo, Bronckart (1999) explica que é preciso admitir que a propriedade do arbitrário radical, na verdade, é indissociável do estatuto ativo ou comunicativo dos signos. Se eles são instrumentos complexos de representação, são também, em primeiro lugar, instrumentos de regulação da atividade coletiva; constituem-se como instrumentos de cooperação, ou de intervenção sobre os comportamentos e as representações dos outros.

2- DETALHANDO O *CORPUS* DE ANÁLISE

O filme inicia mostrando a situação precária de Kasper Hauser, que estava em um espaço escuro, inóspito, sobrevivendo com o mínimo de condições, privado de qualquer contato com o meio social. Em 1928, foi levado até a praça da cidade de Nuremberg, quando há uma mudança



brusca na vida do protagonista, que passa a seguir normas e padrões sociais aceitos e naturalizados.

Porém, apesar de muitas experiências e até esforços por parte da família que o acolheu para ensinar-lhe “bons comportamentos”, Kasper nunca se sentiu a vontade com a nova situação. Para ele, era melhor ter ficado preso na caverna do que ter que se adequar ao que a sociedade julgava ser o correto.

No decorrer do filme, podem ser visualizados alguns elementos que representam o condicionamento da sociedade a uma estrutura social externa de atividades que lhes limitam atitudes, ações e formas de se dizer o que se pode dizer.

A primeira imagem escolhida mostra o quarto simples do bebê que está em seu berço. Ao fundo, há galinhas presas em uma espécie de gaiola improvisada que serve também como balcão para colocar objetos do quarto. O bebê está acordado e é observado por Kasper, enquanto este o balança.



Fonte: O ENIGMA DE KASPER HAUSER. Werner Herzog (Dir.). Distribuição Versátil Home Vídeo. Alemanha: 1974, 1 DVD, 109 min., son., color.

A seguinte cena escolhida, localizada entre 00'34 e 00'35 min. do filme, refere-se ao momento em que Kasper está sentado à mesa da família que o havia acolhido, no instante em que ele está sendo ensinado a comer, conforme os costumes da família. De um cenário de fundo, ganha destaque a imagem de uma gaiola com um pássaro, preso à parede da sala de jantar, que se move de um lado para o outro.



Fonte: O ENIGMA DE KASPER HAUSER. Werner Herzog (Dir.). Distribuição Versátil Home Vídeo. Alemanha: 1974, 1 DVD, 109 min., son., color.

Pai e filho, sentados ao lado de Kasper, buscam tentar ensinar o desconhecido a utilizar os talheres e a comer o que estão comendo, de igual forma como o fazem.

Embora Kasper não aja de forma esperada, o pai da família afirma a ele que tudo ficará bem, pois ainda ele não possui boas maneiras. No entanto, o protagonista rejeita a comida e aceita apenas o pão e a água a ele oferecidos.

Além disso, naquele momento, quando ele tenta beber água do copo que já estava vazio, percebe-se que o protagonista aprende o significado de “leer”, que, na língua alemã, significa “vazio”.

No mesmo episódio da refeição, entre 35 e 36 min. do longa metragem, outro elemento situado ao fundo do cenário entra em evidência. Desta vez, enquanto a Kasper são ensinados os ritos da refeição, aparece um crucifixo com Jesus pregado, pendurado em uma das arestas da sala de jantar.

Nesta cena, o pai, novamente, afirma que Kasper precisa de tempo para aprender certas coisas.





Fonte: O ENIGMA DE KASPER HAUSER. Werner Herzog (Dir.). Distribuição Versátil Home Vídeo. Alemanha: 1974, 1 DVD, 109 min., son., color.

Além das três imagens selecionadas, ressalta-se que há outras possibilidades de escolha para o objetivo deste estudo, mas que, neste caso, constituem apenas uma maior exemplificação do que se quer aqui analisar, a saber, os mecanismos de controle dos quais a sociedade se vale para delimitar e governar as atividades do ser humano, impondo atitudes e posturas “socialmente corretas”.

3 – A REPRESENTAÇÃO DA COERÇÃO SOCIAL

As imagens/cenas selecionadas constituem-se como elementos analógicos que representam os mecanismos de controle que a sociedade impõe ao indivíduo, internalizados de forma não consciente.

As condições em que Kasper vivia, preso em uma espécie de gruta, sem ter contato com o mundo, igualam-se às condições por que passa a viver quando liberto e inserido na sociedade, uma vez que suas ações e atitudes são delimitadas e condicionadas às normas dogmáticas da civilização.

Como Bakhtin (1992) explica a respeito da atividade mental, diferenciada pelo grau de orientação social do indivíduo, pode-se dizer que, inicialmente, Kasper exerce a *atividade mental do eu*, formada sob uma perspectiva individual, sem contato com o social.

No entanto, a partir do momento em que o protagonista passa a integrar à sociedade, ele exerce a *atividade mental do nós*, isto é, ele tem suas opções cerceadas conforme as convenções por ela ditadas, sendo este momento social responsável por sua consciência e pensamento.

Portanto, reitera-se que, se para o teórico a interação social é a condição para a existência da linguagem e pensamento, Kasper era desprovido de ambos até o momento em que foi deixado na praça de Nuremberg.

Neste episódio, em consonância com as duas atividades mentais citadas, vale citar uma passagem em que Cattelan (2009) traça alguns comentários sobre as cenas (17⁰⁰ aos 18⁰⁰) focalizadas pela câmera, antes de Kasper ser lançado na cidade em que passará a viver.



A câmera focaliza o vale que circunda o futuro habitat de Kasper e o mostra organizado em áreas rigorosamente divididas em dois grupos: espaços ocupados por formas de plantio distintas e espaços à espera da exploração futura. Precebe-se, no passeio que é realizado pela câmera, o deslocamento que ela realiza entre áreas lavradas e cultivadas e outras à espera de que a mão humana as submeta à sua ordem. (CATTELAN, 2009, p. 6).

Metaforicamente, portanto, Kasper pode ser comparado a esta área intocada, que sofrerá uma lapidagem da sociedade, passando da *atividade mental do eu*, para a *atividade mental do nós*, diferenciados pelo grau de orientação social do indivíduo.

Nesse sentido, conforme o interesse da investigação interacionista, a sociedade desenvolve formas de organização social, das quais o indivíduo se apropria, interioriza, colaborando com a construção do universo que os envolve.

É por meio deste constructo social que ideologias são internalizadas e criam-se julgamentos construídos pela sociedade, como, por exemplo, da própria noção de liberdade.

Esta é a razão pela qual tanto o pensamento, quanto a expressão estão calcados no social. Kasper não compreende que o gato não pode caminhar como os seres humanos, que o ato de apontar uma espada significa perigo e que a maçã não tem vida própria, por exemplo, por que tais elementos e suas “funções” não compunham o contexto em que vivia anteriormente.

Assim, o viés da psicologia, considerando-se que todos os organismos vivos conservam traços internos de suas interações com o meio, pode-se dizer que Kasper, por um lado, encontra-se no que se designou de *primeira precipitação*, ou seja, são as condições pelas quais o comportamento produz traços internos de algumas propriedades do meio.

Não obstante, na medida em que Kasper passa a interagir com a sociedade, ele distancia-se do nível inferior da atividade mental e aproxima-se da atividade mental superior e da *segunda precipitação*, que é a das condições sob as quais o funcionamento psíquico torna-se um mecanismo ativo e auto-reflexivo, aparentemente, sob o controle do organismo que é a sede desse funcionamento psíquico.

Embora seu psíquico não se isole do meio e não aponte para alguma transformação da sociedade, ele passa do psiquismo ativo (o pensamento), para o auto-reflexivo (consciência), observando e fazendo comentários sobre sua vida miserável em sociedade.



Enquanto vivia enclausurado, Kasper apenas pensava, pois somente por meio do contato com a sociedade é que passou a ter consciência e um pensamento reflexivo.

Para tanto, são as intervenções sociais as condições necessárias para que Kasper possa construir signos e exteriorizar o pensamento, pois, na ausência de tais intervenções, não há construção nem da linguagem, nem do pensamento, nem, tampouco, tomada de consciência.

Entretanto, há também um paradoxo, uma vez que, ao passo que os signos são instrumentos complexos de representação, são também, em primeiro lugar, instrumentos de regulação da atividade coletiva e intervêm diretamente sobre os comportamentos e as representações dos outros.

Eles veiculam representações coletivas do meio, que se estruturam em configurações de conhecimentos. Paralelamente, se as comunidades verbais não são homogêneas, elas são constituídas por múltiplas formações sociais discursivas (FDs). Estas são mecanismos que geram modalidades particulares de conhecimento de organização dos signos, chegando a formas variadas de discursos e moldando o conhecimento dos membros de uma mesma formação social de uma forma particular.

Uma vez que os signos lingüísticos são arbitrários e convencionados, eles são transpassados pela ideologia do discurso dominante. Basta se questionar a respeito dos dogmas a que Kasper foi lançado: banhar-se, vestir-se, comer com disciplina, frequentar a igreja, etc.

Pela apropriação da atividade social, pela passagem que ocorre da *atividade mental do eu* para a *atividade mental do nós*, resultando na *ação*, se explica o fato de o protagonista perceber que a situação em que encontrava na caverna era semelhante à “liberdade” imposta pela sociedade. Mesmo liberto do ambiente inóspito da prisão física, o protagonista continuava preso, embora a outro sistema de cárcere.

Nesse sentido, a questão da “liberdade”, convencionada ideologicamente pelo discurso dominante da sociedade, pode ser evidenciada por meio da seleção das três imagens destacadas no *corpus* de análise, as galinhas presas ao lado do bebê, o pássaro na gaiola e Jesus crucificado.

Na primeira imagem, no quarto do bebê, há, ao fundo, uma espécie de grade que mantém galinhas presas, que se movem ininterruptamente no espaço do galinheiro improvisado. Ao lado desta adaptação para os animais, há um bebê dentro de um berço, sendo observado por Kasper, que se comove ao vê-lo.



O diálogo estabelecido pelos três elementos – as galinhas presas, o bebê e Kasper emocionado – pode ser simbolicamente interpretado sob a relação existente, na sociedade, entre o homem e os animais.

A ligação do ser humano com o animal remete aos primórdios. Desde os textos bíblicos, o homem já apresentava certa soberania e ânsia por dominá-los. A figura do “bom pastor”, metaforicamente visto, configura-se no elemento social capitalista que, não apenas “cuida” das ovelhas, mas estabelece uma relação de posse/domínio, pois não admite a perda de uma delas.

Depois de tentar parecer-se com ele (o animal), o homem busca colocá-lo sob o seu domínio, deslocando-o de um sistema doméstico para condições de escravidão.

Essa situação reflete a psicologia do próprio homem que, inserido em uma sociedade capitalista hierárquica, está cingido aos dogmas impostos pelo discurso dominante. Neste sistema, a sobrevivência de um depende do “aprisionamento” do outro.

À luz do que foi exposto, o bebê em seu berço, ao lado das galinhas presas, metaforicamente, representa que o homem, em sua fase inicial de existência ou já na fase adulta, como é o caso de Kasper, a partir do momento em que é inserido no contexto social, será moldado e lapidado, enfim dominado, para internalizar e reproduzir, posteriormente, os valores que a sociedade prega como dogmáticos.

Não atender a estes parâmetros implica ficar à margem da sociedade e ser punido por tal, como pode ser elucidado pela imagem do crucifixo, analisada na sequência.

Kasper se emociona ao perceber que, embora o bebê nasça “livre”, ele será preso aos condicionamentos que lhe serão impostos, assim, como está acontecendo com ele.

Em semelhante situação encontra-se o pássaro na gaiola que anda de um lado para o outro, ininterruptamente, porém, continua preso. De forma específica, o pássaro sempre se configurou, historicamente, em um elemento simbólico: a pomba da arca de Noé, a metáfora do Espírito Santo, a águia em *Prometeu Agrilhoado*, entre outros.

Para as relações discursivas do longa- metragem, o pássaro preso na gaiola metaforiza a busca de liberdade de Kasper, metonímia da alma humana. O protagonista tenta se libertar, mas sente-se encurralado por todos os lados com as grades invisíveis aos demais e bem visíveis a ele, que percebe toda a coerção social ao seu redor, mesmo nas atividades mais triviais.



Além disso, outra possível interpretação é o fato de Kasper querer desprender-se do mundo dos homens, pois percebe o quanto foi e é rejeitado por todos. Uma vez que o pássaro tem a capacidade de viver em dois planos, sustenta-se a hipótese de que represente, no filme, o intermédio, ou passagem, do plano terrestre para o celestial. Porém, mesmo o pássaro está privado de ascender ao outro plano.

A imagem de Jesus Cristo crucificado, outro foco da análise, é um dos maiores exemplos, se não o maior, de como uma pessoa não aceita em uma determinada sociedade e época, pelas suas ideias e atitudes, é privada da liberdade e morta pela força coerciva da maioria, que impõe o que é “justo”, conforme a organização social.

Kasper não é crucificado na cruz, mas também é perseguido e pressionado em vários momentos para mudar de atitude e ideia, situações que o privam de sua liberdade de escolha, de seus desejos. A situação não muda até que é totalmente dominado ao tirarem-lhe a vida ao final da trama, ou seja, sua também crucificação por não ser aceito naquela sociedade. Assim, não há outra solução senão a sua morte.

Na cena que dialoga com o crucifixo e com o passarinho preso, Kasper está sentado à mesa e apreendendo todos os rituais da hora da refeição, como portar-se, sentar corretamente, utilizar os talheres e até mesmo a comida que deve comer.

A família acha estranho o novo integrante não gostar do que eles gostam e ter dificuldades em fazer o que eles fazem tão rotineiramente. No entanto, a partir daí, “a alimentação e o bom e o ruim ao paladar de Kasper devem passar a ser o que é tido como o bem do grupo social.” (CATTELAN, 2009, p. 9).

Segundo Cattelan (2009), o momento em que Kasper é enviado para a estrebaria permite um interdiscurso com o nascimento de Cristo, pois todos o rejeitaram. Por conseguinte, “a ‘gratuidade’ e a ‘ingenuidade’ frente a um sistema instituído só pode receber como ‘prêmio’ o exílio, a separação e, por fim, a aniquilação: a crucificação.” (Idem, p. 8).

Portanto, as três imagens apresentadas e descritas representam, de forma analógica, o fato de que, mesmo libertado da caverna, Kasper Hauser continuou “preso” em sua diferença, pois só são aceitos na sociedade aqueles que se sujeitam às regras por ela imposta de maneira coerciva, embora muitos acreditem que este seja o natural, o óbvio.



As cenas em questão mostram como as pessoas sofrem o poder de mecanismos de controle social, os quais ensinam e ditam regras sobre o que fazer, como agir e se relacionar com os demais. Assim, o ser humano reproduz os mesmos mecanismos aos quais são sujeitados, desde crianças, aos seus filhos, alunos, e demais pessoas de seu convívio, ou seja, em suas formações discursivas, como mencionado através de Foucault.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os animais presos, presentes nas cenas, em analogia com várias situações em que Kasper aparece sendo ensinado, conduzem à interpretação de que as pessoas estão condicionadas a uma estrutura social e de vivência, que explicam suas atitudes e ações, mesmo que o (re) produzem de forma inconsciente.

Nesse sentido, Kasper é vítima de uma realidade coerciva, que não lhe possibilita uma real liberdade, mesmo fora da prisão na caverna, tornando-o um eterno prisioneiro, reproduzindo ensinamentos da sociedade que o “acolheu”.

Tais mecanismos de controle social são aplicados de forma a condicionar as pessoas a agirem, falarem e pensarem conforme os interesses da sociedade, de maneira que, posteriormente, apliquem nas próximas gerações (como a imagem do bebê que já está condicionado a ser preso em analogia à gaiola no seu quarto), sem mesmo pensarem sobre como foram vítimas desses mecanismos.

Ao mesmo tempo, essa mesma sociedade exclui aqueles que não se sujeitam a essas normas, mantendo o círculo vicioso do condicionamento enquanto fator de controle social.

Em consonância com Cattelan (2009), o longa-metragem mostra, de forma geral, que a vida na sociedade é movida por um conjunto de princípios, normas e regras, que impedem aos indivíduos viverem à sua maneira, pois a entrada em uma cultura ocorre por meio de “processos violentos de imposição de atitudes, comportamentos, crenças e valores, não havendo espaço para que a diferença, a diversidade e a pluralidade encontrem guarida.” (CATTELAN, 2009. p. 13).

Enfim, Kasper “seria uma metonímia de qualquer homem que, posto em sociedade, não teria outro “destino”: ser aprisionado.” (Idem, *ibidem*). O filme retrata bem esta questão em vários momentos, como nas cenas neste breve estudo elencadas e analisadas.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. (Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira). 10 ed. São Paulo: Hucitec e Annablume, 1992.

BRONCKART, Jean-Paul. Quadro e questionamento epistemológicos. In: _____. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. (Trad. Anna Raquel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: Educ, 1999, p. 21-67.

CATTELAN, João Carlos. Kasper Hauser: de uma cadeia a outra. *CASA: Caderno de Semiótica Aplicada*. FCLAR-UNESP – Araraquara, v.7, n.1, p. 1-15, julho de 2009.

O ENIGMA DE KASPER HAUSER. Werner Herzog (Dir.). Distribuição Versátil Home Vídeo. Alemanha: 1974, 1 DVD, 109 min., son., color.